



CMG (FN) Luís Felipe **Valentini** da Silva  
valentini@marinha.mil.br

## Forças Anfíbias Combinadas: o Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais em operações multinacionais



CMG (FN) **Valentini** é o atual Comandante do Comando da Tropa de Desembarque. É oriundo da Escola Naval, realizou todos os cursos de carreira, sendo digno de destaque, o Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores (C-EMOS) da EGN, em 2011, e o *Marine Corps War College* (MCWAR) da *Marine Corps University* em 2019/2020. Serviu no 3ºBtlInfFuzNav – Batalhão Paissandu – como Comandante de Pelotão, Comandante de Companhia e Oficial de Estado-Maior. Foi Chefe do Estado-Maior do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais no Haiti, 16º Contingente. E comandou o 3ºBtlInfFuzNav de novembro de 2016 a janeiro de 2018. Possui o título de *Master of Strategic Studies* conferido pela *Marine Corps University*.

### 1. Introdução

*Partnerships: As the old saying goes, there is strength in numbers. When nations pool resources and share responsibility, their burdens become lighter.* (ESTADOS UNIDOS, 2018).

A capacidade de planejar e conduzir operações multinacionais representa trunfo estratégico, permitindo aos Estados aliados agregarem capacidades complementares às suas forças. Esse trunfo é mais relevante quando falamos de Forças Anfíbias, que exploram a liberdade de manobrar a partir do mar, tirando proveito das características do poder naval para projetar poder no local e momento desejado.

Por outro lado, a decisão de operar com Estados parceiros também apresenta desafios nos níveis estratégicos, operacionais e táticos. A autorização, no nível político, para o desdobramento de forças, necessita seguir ritos distintos nos processos decisórios dos Estados, o que para um Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav) multinacional impacta na possibilidade de pronta resposta da Força.

No nível operacional, desafios como a definição dos Comandantes e o estabelecimento de relações de comando, do grau de aceitabilidade de perdas, impactando o “como” e o “quem” realizará as tarefas, o nível de compartilhamento de dados de inteligência e como será efetivado o apoio logístico ocuparão o Comandante Operacional com infindáveis reuniões, consultas e negociações entre as forças envolvidas.

E no nível tático, os Comandantes terão que lidar com diferenças doutrinárias, no processo de planejamento, e de técnicas e procedimentos. Aliado a essas dificuldades, as barreiras do idioma, os

problemas de comando e controle e a natural demora no estabelecimento de confiança entre frações imporão esforço adicional para execução até das tarefas menos complexas.

Apesar desses desafios e da complexidade das operações anfíbias, as vantagens de poder contar com tropas de fuzileiros navais aliadas na constituição de uma força de desembarque multinacional excedem em muito os eventuais percalços. Essa afirmação é ratificada pelo grande número de exercícios bilaterais e multinacionais conduzidos pelas principais forças de fuzileiros navais mundiais, como os exercícios BALTOPS<sup>1</sup> (EUA, Suécia e Finlândia), Bold Alligator<sup>2</sup> (Brasil, Canadá, Chile, Espanha, EUA, França, México, Noruega, e Reino Unido), e *Rim of the Pacific* (RIMPAC)<sup>3</sup>.

O presente artigo tem como objetivo apresentar o recente estudo sobre a constituição de forças anfíbias combinadas na principal aliança militar ocidental – a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e como o Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil tem se preparado para operar de forma combinada.

### 2. A organização de forças-tarefa Anfíbias combinadas pela perspectiva da OTAN<sup>4</sup>

Após a anexação da Crimeia pela Rússia em 2014, os membros da OTAN entenderam que nenhuma nação tem capacidade e vontade política para salvaguardar segurança por conta própria. Buscando capitalizar a interoperabilidade tática desenvolvida ao longo do tempo, Líderes de forças anfíbias da Espanha, Estados Unidos da América (EUA), França, Holanda, Itália, Portugal e Reino Unido iniciaram, em outubro de 2016, no fórum inaugural da *Amphibious Leaders Expeditionary Symposium* (ALES), uma discussão sobre uma possível força anfíbia combinada europeia-norte americana. O Simpósio definiu como objetivo:

<sup>1</sup>Disponível em: <https://www.defensenews.com/global/europe/2022/06/04/major-baltic-sea-exercise-kicks-off-as-swedish-finnish-nato-bids-wait-on-turkey/>. Acesso em: 7 out. 2022.

<sup>2</sup>Disponível em: <https://www.defense.gov/News/News-Stories/Article/Article/1355970/us-coalition-forces-refine-amphibious-capabilities/>. Acesso em: 7 out. 2022.

<sup>3</sup>Disponível em: <https://www.navy.mil/Press-Office/News-Stories/Article/3048569/us-navy-announces-28th-rimpac-exercise/>. Acesso em: 7 out. 2022.

<sup>4</sup>NATO's Amphibious Forces: Command and Control of a Multibrigade Alliance Task Force – tradução livre do autor.

As forças aliadas planejarão uma Força de Desembarque Combinada, expansível até o Comando de um Oficial três estrelas, com forças orgânicas terrestres, aéreas e logísticas - em apoio a OTAN. As nações participantes alavancarão, apoiarão e integrarão as iniciativas, estruturas e organizações dos exercícios já existentes da OTAN, Europeus e seus próprios exercícios nacionais (GERMANOVICH *et al.*, c2019, p. 9, tradução nossa).

Como ação decorrente, em 2017-2018, o *U.S. Marine Corps Forces Europe and Africa* solicitou à *RAND Corporation* projetar e conduzir três eventos com o objetivo de identificar os arranjos de Comando e Controle (C2) adequados bem como considerações à luz do DOPEMAI, para operações marítimas e anfíbias de grande escala em apoio à OTAN. Quatro conclusões principais foram identificadas nesses estudos:

## 2.1. A OTAN detém considerável capacidade anfíbia, entretanto esse recurso tem sido pouco reconhecido

Os Grupos-Tarefa Anfíbios (ATGs) existentes, do escalão brigada, nacionais e bilaterais, são dotados de navios com capacidade de embarque de tropa, conectores e forças de desembarque necessários para conduzir operações com múltiplas brigadas, mas é necessária uma evolução adicional dos arranjos de C2 efetivar essa capacidade e incrementar a interoperabilidade entre os ATGs (figura 1).

Figura 1: Forças Anfíbias na Europa



\* The 2nd MEB, which could deploy with between six and 15 heavy ships, prepares for amphibious operations in Europe. Other Marine Corps forces may also be employed in Europe based on mission needs.  
 † One of two Queen Elizabeth class carriers, not pictured, will be capable of performing an LHA role in the 2020s.  
 ‡ Italy maintains two amphibious elements. In addition to the ship's marine brigade, the army maintains an amphibious battalion also designed to operate from many ships. The aircraft carrier *Cavour*, not pictured, could serve as a command ship for amphibious operations while carrying a contingent of marines.  
 § These nations currently lack large L-class ships. Their landing forces are employed through a variety of means such as surface combatants, tank landing ships, landing craft, specialized boats, and amphibious ships belonging to other nations.  
 ¶ Turkey is procuring an LHA in the 2020s.

Fonte: Germanovich *et al.* (c2019, p. 12).

## 2.2. Existe um consenso emergente em torno de uma estrutura base de C2 - denominada Força-Tarefa Anfíbia centralizada (ATF) - para operações anfíbias da OTAN em um cenário de grandes operações combinadas

Essa construção, desenvolvida pelas partes interessadas da ALES, oferece um mecanismo para alavancar a capacidade anfíbia da OTAN ao agregar capacidades nacionais e bilaterais numa estrutura C2 coerente.

Figura 2: Forças-Tarefa Anfíbias Centralizadas e Descentralizadas

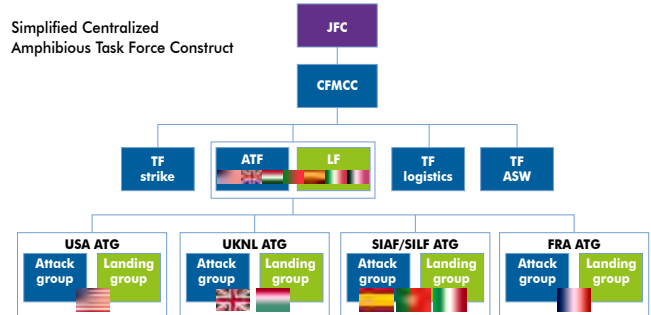
National Centralized and Decentralized Amphibious Task Forces



SOURCE: CJOS COE, slides from presentation in Northwood, United Kingdom, November 21, 2017.  
 NOTE: MCC = maritime component command.

Fonte: Germanovich *et al.* (c2019, p. 33).

Figura 3: Construção de Força-Tarefa Anfíbia centralizada simplificada



NOTE: This wargame centered on the ATF-to-ATG and ATG-to-ATG relationships. Higher-echelon maritime and joint C2 issues were the primary subject at the Naples Tabletop.

Fonte: Germanovich *et al.* (c2019, p. 40).

## 2.3. A construção centralizada da ATF requer comandantes e estados-maiores com experiência em operações multinacionais e perícia em guerra anfíbia<sup>5</sup>

Existem várias organizações nacionais e aliadas com potencial para assumir esse papel, mas exigiriam aumento de pessoal e um plano de treinamento de longo prazo alinhado com o programa de exercícios da OTAN.

## 2.4. O conhecimento e a experiência em operações anfíbias em larga escala foram "atrofiados" como expertise dos planejadores e executores das operações de forças navais e de desembarque aliadas

A doutrina existente pode não ser suficientemente clara em relação à sua aplicação a operações anfíbias de uma força multinacional acima do nível de brigada.

Em resumo, o estudo concluiu que apesar de contar com meios capazes de organizar forças anfíbias combinadas, é necessário desenvolver estruturas de comando e controle para incrementar sua interoperabilidade. Indicou também que a capacidade da aliança em conduzir operações anfíbias em grande escala não está assegurada, mesmo com acervo de meios disponíveis, necessitando desenvolvimento doutrinário e adestramentos.

## 3. As operações combinadas do CFN

O CFN, atento a essa necessidade, também busca incrementar a interoperabilidade com marinhas e corpos de fuzileiros navais amigos, buscando manter o nível de prontidão dos nossos GptOpFuzNav para operar de forma combinada.

<sup>5</sup>Grifo do autor.

Iniciativas como a Conferência de Líderes dos Corpos de Fuzileiros Navais das Américas (MLAC 2022) fecham lacunas no nível estratégico e operacional, demonstrando nossas capacidades e principalmente estabelecendo confiança dos Estados amigos ao estreitar os canais de comunicação com os líderes de alto nível dos corpos de fuzileiros navais, facilitando futuros arranjos para composição de forças.

Figura 4: MLAC 2022



Fonte: Comando-Geral do CFN.

Figura 5: MLAC 2022



Fonte: Comando-Geral do CFN.

Visando manter e aperfeiçoar a execução de operações anfíbias multinacionais, dois grandes exercícios ocorreram em 2022: a Operação Fortaleza e a Operação UNITAS. Com condicionantes distintas, ambas as operações trazem ensinamentos para a condução de operações combinadas.

## 4. Operação Fortaleza

A Operação Fortaleza foi um exercício de Evacuação de Não-Combatentes (ENC) conduzido de forma combinada entre a Marinha do Brasil, a Marinha Nacional da França e o Exército de Terra Francês, no litoral de Fortaleza - CE, no período de 28 de maio a 01 de junho de 2022. A operação foi planejada para acontecer durante a escala no Brasil da missão Jeanne D'Arc<sup>6</sup>.

<sup>6</sup>A missão Jeanne D'Arc é a comissão de treinamento dos Guardas-Marinha da Marinha Nacional da França.

### 4.1. Planejamento

O planejamento da operação iniciou em abril de 2022, com a decisão de organizar um GptOpFuzNav e deslocá-lo, por meios rodoviários desde a base da Força de Fuzileiros da Esquadra (FFE) no Rio de Janeiro até Fortaleza. A moldura temporal da estadia dos navios franceses no porto de Fortaleza não permitiu que fossem designados navios anfíbios brasileiros para a comissão. A FFE planejou o deslocamento terrestre, por 3.200 Km, dos principais meios de desembarque, os Carros Lagarta Anfíbios (CLAnf), para proporcionar conectores ao GptOpFuzNav e agregar capacidades a Força Tarefa Anfíbia combinada. Sem a presença da contraparte francesa, as discussões iniciais foram relativas ao tipo de operação anfíbia que seria conduzida, quais os locais mais propícios para o desembarque e quais ações em terra seriam realizadas.

### 4.2. Relações de Comando

Com a conclusão do reconhecimento no início de maio, a célula de planejamento do GptOpFuzNav se reuniu com representantes da 9<sup>o</sup> Brigade d'Infanterie de Marine do Exército de Terra Francês (contraparte francesa que integraria a Força de Desembarque) e acordaram sobre: a inclusão do Navio-Patrolha Oceânico (NPaOc) Araguari à Força Combinada; a condução de uma operação de evacuação de não-combatentes; às coordenações quanto aos aspectos administrativos e às possíveis praias de desembarque. O quadro abaixo indica os meios envolvidos:

#### BRASIL

Navio-Patrolha Oceânico (NPaOc) Araguari  
Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais, com efetivo de 149 militares

Carros Lagarta Anfíbios (CLAnf) – 03 viaturas

#### FRANÇA

Fragata Ligeira Furtiva (FLF) "COUBERT" (F212)

Porta-Helicópteros Anfíbio (PHA) "MISTRAL" (L9013)

Destacamento da 9<sup>o</sup> Brigade d'Infanterie de Marine, com 112 militares

Não foi discutido um arranjo para as relações de comando, mas surgiu um consenso de que a preponderância dos meios navais apontava para a França para exercer o Comando do Componente Naval e para o Brasil o Comando da Força de Desembarque. Uma vez que a operação era um exercício com forte conotação de integração, a falta de uma estrutura clara de comando não impactou sua execução.

### 4.3. Doutrina

O tipo de operação selecionada - evacuação de não-combatentes, facilitou a construção de um cenário que impusesse uma operação combinada. Apesar de constituir uma operação-tipo de entendimento comum para forças ocidentais, a condução de uma ENC, ou *L'évacuation de Ressortissants* (RESEVAC), contempla técnicas, táticas e procedimentos diferentes quando comparada a nossa publicação doutrinária (BRASIL, 2020).

Visando “acomodar” os entendimentos de ambas as partes, foram simplificadas as instalações de triagem dos evacuados e as ações preparatórias. A adoção do formato matricial para difusão de ordens e de medidas de coordenação bem como a realização de ensaios facilitaram o processo de compreensão do planejamento.

Figura 6: Extrato da Diretiva

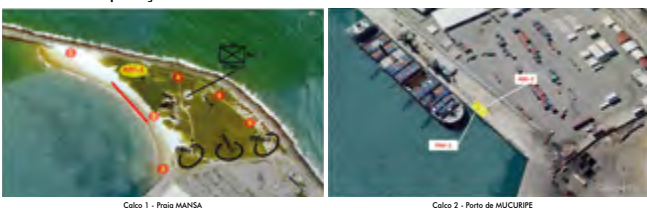
b. Programa de Desembarque

PDbp VERMELHO				Origem ARAGUARI
VAGA	HORA	CONECTORES	FRAÇÃO (EFETIVO)	EFETIVO TOTAL
Infiltração	G	01xPACIFIC (BR)	ECAnf	06

PDbp VERMELHO				Origem MISTRAL
VAGA	HORA	CONECTORES	FRAÇÃO (EFETIVO)	EFETIVO TOTAL
1º	H	03xCLAnf TP (BR) (formação em coluna)	ElmPBlq-1 (23); ElmPBlq-2 (23); PBlq-3-1 (23)	69
2º	H+10	01xEDA-R (FR)	ElmSeg-1 (12); ElmPCt-1 (09); ElmPCt-2 (08); ElmPCt-3 (09); ElmPCt-4 (08); ElmPCt-5 (09); ElmPCt-6 (08); ElmBsc-1 (06); DstElmTrg-1 (08); GpCob-1 (02); GpEscst-1 (01)	80
3º	H+30	01xCTM (FR)	ElmTrg-1 (-) (04); CCT (02); Reserva (06); ForDbq (10)	22

PONTO DE ATRACAÇÃO 1				Origem ARAGUARI
VAGA	HORA	CONECTORES	FRAÇÃO (EFETIVO)	EFETIVO TOTAL
1º	H	01xPACIFIC (BR)	GpEsc-2 (01); ElmSeg-2 (05);	06
2º	H+40	01xPACIFIC (BR)	ElmSeg-1 (01); ElmTrg-2 (04)	05

c. Calco de Operações



PHM Mistral: 95 BR, 76 FR | NPaOc Araguari: 12 BR, 05 FR  
Total: 107 BR, 81 FR = 188

Fonte: Comando da Tropa de Desembarque.

Figura 7: Compartilhamento de informações



Figura 8: PHM Mistral



Fonte: Comando da Tropa de Desembarque.

#### 4.4. Compartilhamento de Informações

O afastamento físico entre os Estados-Maiores envolvidos, o fato do GT Jeanne D'Arc se encontrar em comissão na costa africana com as decorrentes restrições de comunicações, o ineditismo do local da operação e a falta de integração entre os atores envolvidos resultaram em dificuldades no compartilhamento de informações.

Com a chegada do GT a Fortaleza, foi programada uma “Reunião Formal” para coordenações necessárias e adoção de “decisões fundamentais” essenciais a operação. Detalhes como a presença de um segundo conector, detalhes sobre a operação do convés doca do PHA Mistral e requisitos de segurança específicos foram apresentados e conformaram o plano de desembarque.

Figura 9: Militar da 9ª Brigada d'Infanterie de Marine realizando adestramento com CLAnf



Fonte: Comando da Tropa de Desembarque.

No decorrer dos adestramentos que antecederam a operação ocorreu a integração entre as células de planejamento, entre a parcela naval e a parcela anfíbia e entre os comandantes de diversos níveis. Por ocasião da execução da ENC, a Força de Desembarque Combinada já possuía razoável grau de integração, com nítida identificação dos principais decisores e equipes combinadas operando conforme planejado.

Como legado do exercício, a Operação Fortaleza representou modelo de construção de confiança entre duas forças com reduzido histórico de interação. A flexibilidade da organização dos GptOpFuzNav permitiu ajustar a organização por tarefas até o nível de equipes de embarcação combinadas. A simplicidade do planejamento prevaleceu sobre a barreira do idioma. E o ambiente controlado de um exercício permitiu que diferenças de interesses e expectativas, como a escolha da praia de desembarque e a programação das vagas, fossem mediadas dentro do ambiente positivo de integração entre Brasil e França.

#### 4.5. UNITAS

Realizada desde 1959, a UNITAS é o exercício marítimo multinacional mais antigo organizado pelos Estados Unidos da América e, desde 2008, ocorre no formato Anfíbio. Com o objetivo principal de incrementar a interoperabilidade e estreitar os laços de cooperação e amizade entre as Marinhas participantes, a Operação UNITAS LXIII ocorreu de 08 a 22 de setembro, na área marítima compreendida entre o Rio de Janeiro - RJ e Martaízes - ES.

Sendo um exercício já consolidado, seu ciclo de planejamento envolve quatro conferências de planejamento (Desenvolvimento do Conceito, Inicial, Principal e Final), que iniciam mais de seis meses antes da execução efetiva. Os representantes dos países participantes apresentam seus objetivos de adestramento e interesses ao longo dessas conferências. As decisões são formalizadas em um Memorando de Entendimento (MOU em inglês) e todos os representantes registram sua aceitação dos aspectos discutidos e apresentados.

#### 4.6. Relações de Comando

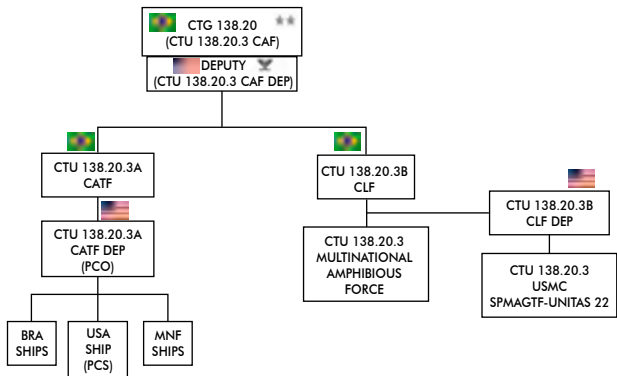
Na conferência inicial de planejamento, foi proposta a seguinte estrutura de relações de comando para o Grupo-Tarefa UNITAS 2022:

A estrutura proposta guarda relação com os estudos conduzidos pela ALES, citados anteriormente, com uma clara divisão entre as forças dos Estados Unidos da América e a Força Anfíbia Multinacional. A solução, apesar de destacar a posição da Marinha do Brasil exercendo o comando da operação, não foi percebida como alinhada

com o objetivo de “incrementar a interoperabilidade e estreitar os laços de cooperação” entre os participantes.

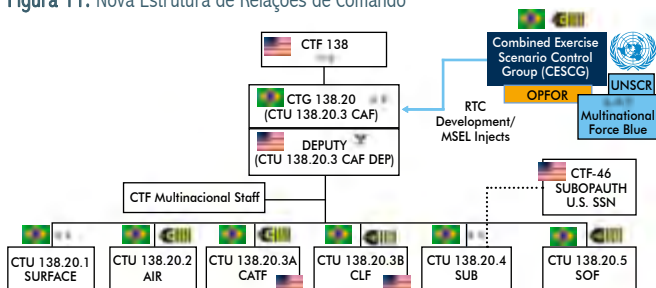
Nova estrutura foi proposta e aprovada, reforçando a interoperabilidade e o aspecto combinado da operação:

Figura 10: Estrutura de Relações de Comando



Fonte: Comando da Tropa de Desembarque.

Figura 11: Nova Estrutura de Relações de Comando



Fonte: Comando da Tropa de Desembarque.

A relação de Comando atende o caráter de rodízio entre os participantes, em que o Estado anfitrião lidera a operação, mas também reflete a preponderância de meios e o vulto da operação. Como o exercício contempla apenas uma área do objetivo anfíbio, não foi necessária a constituição de forças anfíbias operando de forma descentralizadas, permitindo o comando unificado.

#### 4.7. Doutrina

O tema da Operação UNITAS LXIII será o resgate de nacionais de interesse da Força Multinacional. A moldura temporal das ações em terra compreendendo uma rápida penetração com ocupação temporária de objetivos e uma retirada planejada indicam para a operação anfíbia na modalidade Incursoção Anfíbia<sup>7</sup>.

Com a participação de representantes de nove Marinhas amigas, foram observados aspectos discordantes quanto à doutrina na condução de uma Incursoção Anfíbia. Fruto das lições aprendidas durante a Operação Fortaleza, foram simplificados, no planejamento, os procedimentos de triagem e controle dos resgatados evacuados e não foram organizados os grupamentos funcionais previstos na referência doutrinária em vigor.

Para o controle do Movimento Navio-para-Terra, a constituição do grupo TAT-LOG incorporará oficiais de ligação dos meios navais dos EUA e do México, para desconflitar eventuais alterações no programa de assalto.

<sup>7</sup>A *incursão anfíbia* compreende uma rápida penetração ou a ocupação temporária de um objetivo em região litorânea hostil ou potencialmente hostil, seguida de uma retirada planejada (sua principal característica).

Figura 12: Calco de Operações



Fonte: Comando da Tropa de Desembarque.

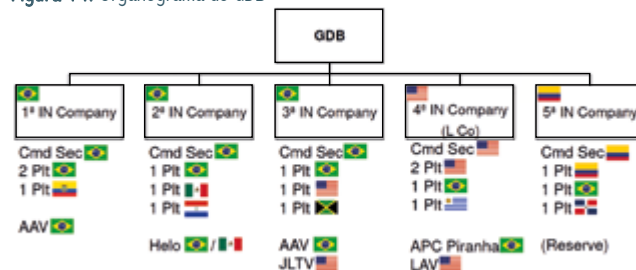
Figura 13: Calco de Operações



Fonte: Comando da Tropa de Desembarque.

Para atender o objetivo do exercício, as subunidades foram organizadas com pelotões de diversas nacionalidades. O organograma abaixo indica a proposta brasileira para organização do Grupamento de Desembarque de Batalhão (GDB) para o exercício. Particularmente quanto a subunidade do USMC, as tarefas e coordenações serão “intermediadas” por uma estrutura paralela de um Comandante de Batalhão do USMC.

Figura 14: Organograma do GDB



Fonte: Comando da Tropa de Desembarque.

Alguns países apresentaram solicitações de embarque específicas, como por exemplo embarcar no navio da marinha dos EUA, ou não estarem autorizados e efetuar o movimento navio-para-terra em determinados meios.

Com a finalidade de facilitar aspectos de comando e controle, o Plano de Comunicações montado para a UNITAS prevê grande número de codificação de mensagens padronizadas buscando minimizar o impacto dos idiomas na fonia. A presença de pelo menos um PelInfFuzNav brasileiro por subunidade também facilitará o controle da manobra.

#### 4.8. Compartilhamento de Informações

A adoção da metodologia de conferências de planejamento permite que as informações necessárias ao planejamento sejam devidamente compartilhadas. Eventuais dúvidas são esclarecidas por intermédios dos pontos de contato. O uso da plataforma digital *All Partners Access Network* (APAN) permite o compartilhamento de documentos em ambiente controlado por todos participantes.

Mesmo com todas essas ferramentas, detalhes sobre as possibilidades dos meios navais de outros países não são claras. Capacidades de realizar transferências, detalhes sobre casamento de rampas e tempo de lançamento de embarcações de desembarque são alguns aspectos que, mesmo acordados em reuniões de planejamento, não são variáveis livres para os planejadores. Restrições de segurança e nível de aversão ao risco oferecem incerteza para eventuais alterações nas ações planejadas. As condições meteorológicas e do mar adicionam incerteza ao planejamento. O Plano de Desembarque em construção para UNITAS 2022 incorpora essas fragilidades.

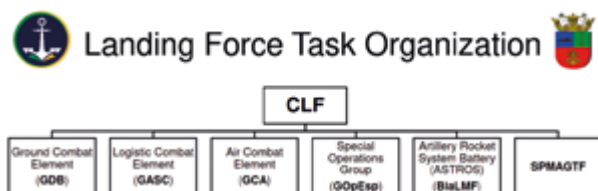
Em suma, a situação vivenciada na UNITAS demonstra a dificuldade de organizar uma força de desembarque multinacional. A flexibilidade do conceito dos GptOpFuzNav permite a distribuição de efetivos nos componentes de forma a atender necessidades de comando e controle. E mesmo em ambiente de exercício, as imposições dos Estados contribuintes de efetivos geram limitações ao planejamento e ao emprego de todas as capacidades do GptOpFuzNav.

#### 4.9. Execução em ambiente combinado<sup>8</sup>

Durante a execução propriamente dita da operação, aspectos característicos de uma operação combinada foram evidenciados, como a importância atribuída às relações de comando, dificuldades no fluxo de informações e diferenças no critério de aceitabilidade para condução das ações.

Quanto às relações de comando da Força de Desembarque, o Comandante da SPMAGTF<sup>9</sup> solicitou que fosse alterada a estrutura de comando proposta. A solicitação criou novos elos na cadeia de comando uma vez que as ordens emanadas pelo componente de combate terrestre para a Companhia da SPMAGTF deveriam ser encaminhadas para o Comando da Força de Desembarque, reduzindo o efetivo controle esperado na organização dos componentes. Para o exercício, tal mudança não gerou obstáculos, entretanto evidencia a relevância da definição de relações de comando “aceitáveis” entre parceiros internacionais.

Figura 15: Organização da Força de Desembarque



Fonte: Comando da Tropa de Desembarque.

Em relação as dificuldades no fluxo de informações, o Comando da Força de Desembarque teve grande restrição para obter o entendimento da situação corrente. O ensaio exemplificou tal dificuldade

<sup>8</sup>O artigo original foi concluído antes da execução da operação. Visando aproveitar a oportunidade, foi possível complementar esta seção com impressões da execução da operação.

<sup>9</sup>Special Purpose Marine Air-Ground Task Force – GptOpFuzNav do USMC organizado para cumprir tarefa específica.

uma vez que não foi possível obter confirmação da participação dos meios previstos tampouco o motivo da não participação. As condições meteorológicas estavam adversas durante toda a operação, mas as unidades navais das marinhas amigas não ratificaram o cancelamento de sua atuação. O caráter combinado da operação acaba por trazer para o processo decisório o fator percepção da Força, que muitas vezes limita a divulgação das informações disponíveis.

Finalmente, as diferenças no critério de aceitabilidade para condução das ações foram marcantes para moldar o que foi realmente executado em terra. Conforme comentado anteriormente, a percepção da Força e suas potencialidades são colocadas em dúvida no momento de seu efetivo emprego.

Durante o exercício, fruto da variável condições meteorológicas, participantes internacionais buscaram um ponto de decisão “Go/No Go” do Brasil para transferir o eventual ônus da não realização da operação. O Comando do Grupo-Tarefa não identificou elementos para antecipar essa decisão e as ações seguiram conforme planejado. Como ensinamento observamos que mesmo em situações de exercício, as capacidades disponibilidades por Estados parceiros não devem ser entendidas como garantidas, em virtude da diferença da aceitabilidade e do interesse em cumprir a missão.

### 5. Conclusão

A capacidade de constituir uma força tarefa anfíbia robusta permanece como objetivo da principal aliança militar do ocidente. Como ferramenta amplia a capacidade da OTAN de resposta a crises e deterência entretanto requer arranjos de comando e controle e efetivo adestramento integrado para tornar-se uma capacidade efetiva.

O CFN também busca esta capacidade de constituir forças tarefa anfíbias combinadas. Nos altos níveis de comando são desencadeadas ações que permitem apresentar nossas capacidades, mantendo relacionamento com as principais lideranças de corpos de fuzileiros navais. No nível tático, a condução de operações anfíbias combinadas é objeto de adestramento da Força de Fuzileiros da Esquadra. O eixo estruturante Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais, que orienta a organização das forças de fuzileiros navais prioritariamente em GptOpFuzNav, confere a flexibilidade e versatilidade aos comandantes para combinar as diferentes capacidades apresentadas por forças aliadas com nossas conhecidas potencialidades.

A operação UNITAS foi um excelente estímulo para atestar que estamos prontos para liderar o desafio de constituir um GptOpFuzNav multinacional. ADSUMUS.



### Referências

BRASIL. Marinha. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. *CGCFN-2-3: manual de Operações de Evacuação de Não-Combatentes de Fuzileiros Navais*. Rio de Janeiro: CGCFN, 2020.

GERMANOVICH, Gene *et al.* *NATO's amphibious forces command and control of a multibrigade alliance task force*. Santa Monica: RAND Corporation, c2019.

ESTADOS UNIDOS. Department of Defense. *Mattis talks strategy, partnerships*. Washington, DC, 30 Oct. 2018. Disponível em: <https://www.defense.gov/News/News-Stories/Article/Article/1677181/mattis-talks-strategy-partnerships/>. Acesso em: 7 out. 2022.